



TRABALHOS DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
Vol. 35 (4)

ACTAS VIII

1º CONGRESSO de ARQUEOLOGIA PENINSULAR

PORTO
SOCIEDADE PORTUGUESA DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA
1995

**1.º CONGRESSO DE
ARQUEOLOGIA PENINSULAR**

(Porto, 12-18 de Outubro de 1993)

A C T A S

(Coordenação de Vítor Oliveira Jorge)

Vol. VIII

num processo que, no fim de contas, envolve e dinamiza toda a comunidade e, em primeira instância, toda a região.

A contemplação de um painel como a grande rocha com equídeos associados de estilo sub-naturalista da foz da ribeira de Piscos, uma das mais celebradas gravuras da arte do Côa, revela-nos por si só como, ao valor intrínseco do sítio como estaleiro arqueológico paleolítico, se associa o da exemplar qualidade estilística dos artistas-pastores de há 20.000 anos, facto que nos transporta para o terreno da mais afectiva, sensual e operante História da Arte — testemunho de um mundo de referências ideologicamente comprometidas com modos de vivência onde práticas mágicas, rituais de culturação holiofânica e crenças na força dos elementos vitais se entrecruzam. As pinturas e gravuras da recém-descoberta Gruta paleolítica de Chauvet (e lembremos, a propósito, que na imprensa francesa nem um grão de polémica sobre a sua autenticidade transpareceu) constituem um paralelo crono-estilístico para o conjunto do Côa onde a técnica de gravação por desgaste de ponteiro pétreo segundo o método litostíctico não deixa lugar a dúvidas quanto à sua ancianidade.

O «DRAMA» DA ÁGUA, MALTHUS E O CLUBE DE ROMA

por

Nuno Ribeiro da Silva

Nos anos mais recentes os problemas ligados à água têm vindo a «transvasar» para a comunicação social e a opinião pública em geral.

Naturalmente que a questão da água e da sua gestão há muito que é discutida pelos especialistas e profissionais da matéria nos *fora* profissionais. Um conjunto de factores levou recentemente a este «baldear» para fora dos gabinetes dos técnicos, hipersensibilizando os cidadãos para o problema da alegada escassez de água e da sua qualidade.

A esfera política responde a esta «preocupação popular» começando a pronunciar-se sobre a matéria e a agendar pontos relativos à água em Conselhos de Ministros e em reuniões internacionais.

A discussão sobre a gestão de água não é nova.

Diria que é tão antiga como o Homem...

Obviamente que nos sítios onde a escassez é maior, o debate tem mais tradição e a «necessidade aguçou os engenhos» mais cedo.

Porque este pico no debate sobre o assunto?

Será que existem condições objectivas estruturalmente diferentes às da década de 80, por exemplo, onde o tema da água não alcançou a projecção pública de agora?

Curiosamente as populações são mais sensíveis à «falta de água» do que à qualidade dos recursos hídricos. No entanto, o que se poderá dizer é que a grande mudança objectiva e sensível que se vem fazendo sentir, pelo menos na última década, é a da degradação qualitativa dos recursos hídricos de superfície e subterrâneos.

Claro que é sabido que a qualidade e quantidade têm forte correlação e que os últimos anos têm sido anos de precipitação anormalmente baixa. Mas, quantos «ciclos de seca» não tem havido nas últimas décadas?

O outro dado sensível para animar a atenção da opinião pública tem sido o célebre Plano Hidrológico Espanhol (PHE). Aqui está uma boa razão para o

problema da «falta de água» ter ganho novo protagonismo, pelo menos no nosso País.

Mas, esta febre não é só portuguesa e diz-se agora que é um drama de todo o sul da Europa, que passa a exigir a solidariedade do norte verde. Até já se reproduzem notícias sobre a escassez (!?) de água nas Ilhas Britânicas e a estabilidade de regiões como a Bacia do Mediterrâneo, o Médio Oriente, etc. depender da garantia de soluções políticas equilibradas sobre a água. Como se há milhares de anos este tema não fosse já alvo de negociações e disputas naquelas regiões e, em Portugal, não se tivesse verificado muito mais mortes e brigas pela partilha da água do que aquelas que hoje se verificam.

Isto para dizer que a crise actual me faz lembrar quando o célebre Malthus, há alguns séculos, profetizou que o mundo iria acabar porque a terra era escassa para produzir os alimentos necessários para alimentar a população em crescimento acelerado. Esqueceu-se obviamente da «revolução verde» e do progresso tecnológico que levou recentemente os países da União Europeia a terem de diminuir compulsivamente as áreas agricultadas...

Ou, mais recentemente, nos anos 70 o célebre relatório Meadows ou do Clube de Roma que profetizou também que o petróleo «acabaria» lá para 1995... Também aqui, apesar do consumo ter aumentado significativamente no Mundo, as reservas hoje existentes são maiores do que em 1970 e o preço real está ao nível do que antecedeu o primeiro choque petrolífero.

Sem dúvida que o referido relatório constituiu um dos ingredientes que levaram à histeria do esgotamento dos recursos e ao consequente salto nos preços do petróleo em 1973. Meadows e a sua equipa mais uma vez descuraram o potencial criativo do Homem no plano tecnológico e... *o fabuloso jazigo de poupança possível de obter se se tiver algum cuidado com o evitar dos desperdícios.*

Era aqui que queria chegar. Quando se fala na «calamidade da falta de água» não se ouve dizer que o desperdício é muito superior ao recurso útil efectivamente usado para satisfazer as múltiplas necessidades humanas a que a água acode.

Já vimos este filme. A situação é empolada e feito um «bom cozinhado» de dramatismo que leva à conclusão aparentemente óbvia que urge fazer mais barragens, transvases, canais, bombagens, tubos e redes. *A gestão do desperdício é o parente pobre deste debate, sendo a característica mais marcante do sector.*

São necessárias algumas obras e infraestruturas, acordos e compromissos políticos mas, não se esqueça o essencial: a racionalização e o combate ao desperdício.

Estive envolvido nas discussões do PHE enquanto deputado e ouvi um colega das Cortes espanholas, representante da Andaluzia, dizer que a situação era dramática no seu país. É que os agricultores só acham que as laranjeiras estão regadas se virem uma «lâmina de água» a toda a extensão do terreno, ensopan-

do-o... Trata-se de gente menos inteligente que os agricultores israelitas, por exemplo, que fazem a rega gota-a-gota?

E que dizer do uso de água potável, que se perde desde logo em cerca de 1/3 entre a captação e o local de consumo, para regar jardins, lavar ruas ou inundar as hortas?

Hoje produz-se a mesma unidade de riqueza com menos 30% a 40% da energia que era necessária em 1970, tira-se o petróleo do mar a profundidades para além dos dois mil metros e os poços já não se consideram esgotados após recuperar 15% do petróleo contido.

Nos recursos hídricos o potencial de racionalização do seu uso é incommensuravelmente mais vasto do que a situação de desperdício de energia que os anos 70 evidenciavam.

Talvez ainda não seja desta que o Mundo acaba...

Outubro 95